

Nova equipe precisa conquistar mais poder

Octávio Costa

Mais aberta ao diálogo, a nova equipe econômica tem a seu favor um crédito de confiança. Mas herdou problemas de difícil solução, como a tarefa de descongelar os preços sem provocar uma explosão inflacionária e as pressões para retomar o crescimento. Corre o risco de enfrentar uma conjuntura adversa em setembro, com a liberação dos cruzados, e, a curto prazo, deve seguir uma política de feijão-com-arroz. Resta saber, também, que espaço efetivo o ministro Marcílio Marques Moreira ocupará no poder, pois seu raio de ação parece limitado pelo estilo do presidente Collor e a necessidade de o governo conquistar apoios políticos. Na verdade, essa preocupação quanto à afirmação política da nova equipe marcou os debates do *Balanço Econômico* do JORNAL DO BRASIL, que reuniu os economistas Mário Henrique Simonsen, da FGV, Edmar Bacha, da PUC-Rio, Paul Singer, da USP, Plínio de Arruda Sampaio Júnior, da Unicamp, e o deputado federal César Maia (PMDB-RJ).

Mário Henrique Simonsen foi o primeiro a apontar os limites políticos dos comandados do ministro Marcílio: "É preciso saber que o poder da equipe econômica é limitado pelo poder real do presidente da República. Não se deve esquecer esse ponto, que é fundamental no governo Collor." Mesmo assim, demonstrou confiança. Para Simonsen, Marcílio e o secretário de Política Econômica, Roberto Macedo, estão abertos ao diálogo em todos os níveis e vai haver muita diferença de estilo. "A nova equipe promete certamente mais carinho, não sei se vai dar realmente muito mais dinheiro." Após constatar que a previsibilidade da economia brasileira tornou-se muito pequena, depois das constantes mudanças de regras do jogo, Simonsen afirmou que "a nova equipe vai ter que entrar num processo de pilotagem visual, pois os sucessivos choques no Brasil quebraram os instrumentos de vôo".

Atribuindo sua interpretação ao "inveterado otimismo brasileiro", Edmar Bacha disse que a nova equipe entra com um mínimo de

credibilidade. Ele acredita que, para recuperar o crédito público, será necessário administrar o dia-a-dia, evitando que o processo de descongelamento leve à explosão inflacionária. Mais importante, em sua opinião, é que a nova equipe mostre que "tem mandato político para controlar o caixa". De olho na administração rígida do caixa, Bacha deu uma sugestão radical: "Por que não começamos a pensar efetivamente em acabar com os bancos estaduais? Essa é a única maneira de controlar a moeda nesse país. Vamos fechar os instrumentos que dão aos governadores a capacidade de imprimir dinheiro."

Ao fundamentar sua proposta, Bacha deu como exemplo as dificuldades do Banespa, no final do governo Orestes Quérzia. O que motivou o imediato revide do deputado César Maia: "É uma santa ingenuidade pensar que o Brasil vai acabar com os bancos estaduais. O correto, Bacha, é que os bancos estaduais saibam que ou se equilibram ou desaparecem. Mas, para isso, precisamos de uma autoridade monetária que sinalize nessa direção." Maia teme que a nova equipe econômica não exerça esse poder. "Não estão fazendo rigorosamente nada. Não espero desta equipe extravagâncias como as da equipe anterior. Mas, sim, que faça política fiscal e monetária. Por enquanto, seu estilo é vazio."

Plínio de Arruda Sampaio Júnior também cobra mais determinação: "O ministro Marcílio é extremamente discreto. A equipe não sabe bem onde se apoiar." Para ele, o governo deve responder rapidamente a quatro questões: a negociação da dívida externa, a saída do congelamento com a reindexação dos salários, o desbloqueio dos cruzados e a atenuação da recessão. Paul Singer dá ênfase absoluta ao último ponto: "A grande tarefa da nova equipe econômica é acabar com a recessão, não em dois meses, mas se deve abrir uma perspectiva para empresários e trabalhadores." Ao contrário de César Maia e Plínio, Singer está otimista e crê que "a mudança de estilo da equipe econômica pode significar uma guinada de rumo na economia." Adverte, porém, que levar a economia rumo ao crescimento vai exigir a participação de toda a sociedade.